ISSN: 2358-8829

TECNOLOGIAS DE GÊNERO E O GÊNERO NA TECNOLOGIA: OS DISCURSOS DE ÓDIO NAS REDES SOCIAIS E SUAS IMPLICAÇÕES NA REALIDADE MATERIAL

Giovanna dos Santos Ribeiro Paes [1]

INTRODUÇÃO

Este trabalho, mais do que apontar os inúmeros atravessamentos — e violências — de gênero que permeiam o cotidiano dos sujeitos, busca evidenciar como a dimensão virtual, outrora compreendida apenas como uma extensão da realidade, constitui, na verdade, o próprio real. Antes de nos debruçarmos sobre as repercussões concretas das dinâmicas digitais na vida cotidiana, faz-se necessário elucidar e, sobretudo, enfatizar como as nuances do sistema de gênero perpassam as mais diversas instâncias da sociedade.

Partindo, portanto, do pressuposto de que todas as camadas sociais são simultaneamente instituídas e atravessadas pelas relações de gênero, Lauretis (1987, p. 214-217) afirma que

> Trata-se de um sistema perfeitamente fechado, cujo efeito é o de apagar completamente seus próprios vestígios, de modo que qualquer um que esteja na 'ideologia', preso em sua teia, acredite estar fora e livre dela. [...] Os homens e as mulheres não só se posicionam diferentemente nessas relações, mas — e esse é um ponto importante — as mulheres são diferentemente afetadas nos diversos conjuntos.

Reconhecendo a multiplicidade dos conjuntos a que Lauretis se refere, bem como a complexidade que os constituem e as formas pelas quais se articulam, buscarei ater-me àquele ao qual o presente trabalho se refere: o âmbito digital, a fim de esmiuçar os efeitos de verdade produzidos por e através dele.

O advento da Internet e a popularização das redes sociais desencadearam uma profunda reconfiguração do tecido social, alterando por completo as formas de interação, comunicação e construção das relações humanas. Em contrapartida, tal inflexão não apenas possibilitou uma ininterrupta conectividade entre seus usuários, mas viabilizou a deliberada produção e circulação de posicionamentos, narrativas e conteúdos de diferentes naturezas e orientações discursivas, sejam elas de caráter informativo, opinativo ou, neste quesito, ofensivo.

[1] Pós-graduanda em Direitos Humanos, Responsabilidade Social e Cidadania Global pela PUC/RS. Graduada em Licenciatura Plena em História pela Universidade Católica de Pernambuco. giovannapaes1612@gmail.com.

ISSN: 2358-8829

Embora a rápida disseminação de informações seja frequentemente percebida como um aspecto positivo da era digital, é necessário considerar, também, suas implicações na construção e na materialização de múltiplos discursos — sobretudo os de ódio, aos quais buscarei debruçar-me aqui. É neste contexto, portanto, que a *infocracia* (Han, 2022) não se caracteriza apenas pela ampliação do acesso à informação, mas pela configuração de um cenário comunicacional no qual a velocidade de circulação dos conteúdos dificulta, ou mesmo impossibilita, os processos de identificação, conceituação e regulamentação destes respectivos discursos.

Cumpre trazer à tona que, em paralelo a esse processo, o sistema de gênero outrora mencionado continua a desenvolver-se e atualizar-se em consonância com o aprimoramento e a renovação tecnológica. Isto é, a cultura digital, bem como todas as demais instâncias e camadas do corpo social, não somente reflete os comportamentos da realidade material, mas as desigualdades e violências nela vivenciadas — em especial, as opressões de gênero.

É precisamente nesse contexto que se faz necessário compreender e perscrutar o ambiente virtual para além de suas potencialidades e contribuições. Uma vez pertencente ao cotidiano dos sujeitos, a Internet deixa de ser apenas um *locus* de socialização, distração e entretenimento, e converte-se em um valioso instrumento de poder — tanto coercitivo como produtivo. Isto é, capaz de formar e/ou enviesar opiniões, padronizar comportamentos e formas de conduta, evidenciar pautas políticas e engajar movimentos sociais ou, em total contraponto, disseminar discursos de ódio e reforçar práticas discriminatórias.

Sob essa ótica, nota-se que a construção social do gênero ocorre por meio de diferentes instâncias e mecanismos, não estando circunscrita aos espaços convencionais de formação dos indivíduos, mas manifestando-se também nos meios comunicacionais e nas plataformas tecnológicas. Refletindo sobre a capacidade produtiva dessas redes, Louro (2014, p. 45) constata:

> Homens e mulheres certamente não são construídos apenas através de mecanismos de repressão ou censura, eles e elas se fazem, também, através de práticas e relações que instituem gestos, modos de ser e de estar no mundo, formas de falar e de agir, condutas e posturas apropriadas [...].

Uma vez concebidas no âmago de sociedade falocêntrica e patriarcal, percebe-se que as normas instituídas por meio das plataformas digitais, tão concretas quanto simbólicas, são efetivamente conceituadas e aplicadas como uma estratégia de dominação, padronização e hierarquização dos sujeitos, capaz de instaurar a díade *feminino-masculino* e determinar os papéis, as identidades e os espaços possíveis a cada uma dessas extremidades. Tais

ISSN: 2358-8829

entrelaçamentos de gênero e poder parecem indissociáveis na medida em que se sustentam um no outro para constituir, ordenar, limitar e categorizar as individualidades.

Dessa maneira, a Internet não pode ser concebida como um espaço isento de posicionamentos e disputas, mas como um ambiente no qual as relações de poder se manifestam, se estabelecem e são confrontadas. A convergência dessas perspectivas teóricas nos permite, portanto, compreender como as manifestações misóginas se propagam no ambiente digital, contribuem para a perpetuação de padrões de gênero e desencadeiam repercussões concretas na sociedade.

Em contrapartida, a vastidão da camada virtual impede a identificação, a regulamentação e a criminalização dos discursos de ódio — eis o surgimento da alcunha *"terra de ninguém"*. Aqui, emergem importantes questionamentos: como conceituar, precisamente, o que são "manifestações de caráter ofensivo", sem que se dê espaço para o capcioso discurso pautado na falácia da "liberdade de expressão"? Como criminalizar conteúdos que sequer conseguem ser detectados? Isto posto, caso respondidas as respectivas indagações, nos resta, primordialmente, a seguinte questão: quais são, verdadeiramente, as concretas implicações dos discursos misóginos, cada vez maiores e mais frequentes, na realidade material?

Eis aqui, em síntese, o cerne deste trabalho, ao qual buscarei ater-me no decorrer do presente artigo, refletindo e lançando luz às possibilidades de enfrentamento às manifestações de caráter violento e ofensivo, cujas consequências — e este é o principal ponto — extravasam o próprio ambiente digital.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

A metodologia adotada fundamenta-se, primordialmente, em embasamentos teóricos referentes aos temas que abordam as seguintes pautas: o conceito de *Tecnologias de Gênero* (Lauretis, 1987), redes sociais, discursos de ódio e violência contra a mulher. Mais do que levantar estatísticas acerca das taxas de feminicídio, este trabalho busca apontar como a dimensão virtual, outrora compreendida apenas como uma extensão da realidade, possui verdadeiros efeitos na vida cotidiana, sobretudo quando trata-se de práticas discriminatórias, tão frequentemente destinadas às minorias que, historicamente, já são afetadas por estigmas e manifestações de caráter ofensivo.

REFERENCIAL TEÓRICO

ISSN: 2358-8829

Para compreender as relações de gênero e suas manifestações no ambiente digital, faz-se necessário recorrer às contribuições teóricas de Teresa de Lauretis e Michel Foucault. Para Lauretis (1987), o gênero não constitui uma característica natural e imutável dos indivíduos, mas uma construção social continuamente produzida por representações, discursos, instituições e práticas cotidianas. A autora compreende o gênero como produto e processo de diferentes tecnologias sociais, responsáveis por produzir e reproduzir significados acerca do que se entende por masculinidade e feminilidade.

Nesse sentido, tais construções não apenas orientam as formas pelas quais os sujeitos são percebidos socialmente, mas também influenciam a maneira como compreendem a si mesmos e estabelecem suas relações. Essa perspectiva permite reconhecer que os mecanismos de produção do gênero não se restringem às instituições tradicionalmente responsáveis pela socialização, estendendo-se também aos meios de comunicação e às tecnologias digitais.

Em diálogo com essa perspectiva, Michel Foucault (1988) oferece instrumentos teóricos fundamentais para compreender como o poder opera nas relações sociais. Distanciando-se da concepção de poder como força exclusivamente repressiva, concentrada nas mãos de determinadas instituições ou autoridades, o autor evidencia seu caráter relacional, produtivo e disseminado pelas práticas cotidianas. O poder atua, portanto, não apenas por meio de proibições e coerções explícitas, mas também pela produção de discursos, saberes, normas e padrões de comportamento que orientam a conduta dos sujeitos.

Aplicada ao ambiente digital, essa compreensão permite examinar como publicações, comentários, interações e mecanismos de visibilidade podem contribuir para a reprodução de hierarquias e desigualdades de gênero. Assim, as redes sociais não devem ser compreendidas como espaços neutros, mas como ambientes nos quais relações de poder são exercidas, negociadas e contestadas. A articulação entre Lauretis e Foucault possibilita, desse modo, investigar como os discursos misóginos circulam no meio virtual, reforçam padrões de gênero e podem produzir efeitos concretos na vida social, sem desconsiderar as possibilidades de resistência e transformação presentes nessas mesmas relações.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nas últimas décadas, especialmente com a ampliação do acesso à internet e a consolidação das redes sociais como espaços de sociabilidade, comunicação e formação de identidades, observa-se a crescente visibilidade de uma dimensão do ambiente digital

ISSN: 2358-8829

denominada machosfera (*manosphere*). O termo designa um conjunto heterogêneo e interconectado de comunidades, fóruns, páginas, canais e perfis on-line que se organizam em torno de pautas relacionadas à masculinidade, aos papéis de gênero e às supostas dificuldades enfrentadas pelos homens na sociedade contemporânea.

Embora esses espaços não apresentem necessariamente uma organização centralizada nem compartilhem integralmente as mesmas posições ideológicas, parte significativa deles é atravessada por discursos antifeministas, pela oposição à igualdade de gênero e pela defesa de concepções hierárquicas das relações entre homens e mulheres (Vilaça; D'Andréa, 2021; Lima-Santos; Santos, 2022).

Neste ecossistema, encontram-se diferentes grupos e vertentes, como os *Red Pill*, os *incels* (celibatários involuntários), os *MGTOW* (*Men Going Their Own Way*) e os ativistas dos chamados "direitos dos homens". Apesar de suas particularidades, essas comunidades frequentemente compartilham narrativas que apresentam os homens como vítimas de uma suposta inversão da ordem social, atribuindo ao feminismo e às conquistas históricas das mulheres a responsabilidade por uma alegada perda de privilégios masculinos.

Ainda diante deste cenário, a ideologia *Red Pill* ocupa lugar de destaque ao propor uma suposta tomada de consciência masculina acerca de uma realidade na qual os homens seriam prejudicados pelas transformações nas relações de gênero. Sob essa perspectiva, discursos de ressentimento, desconfiança e hostilidade em relação às mulheres passam a ser apresentados como verdades reveladas ou estratégias de autodefesa masculina (Lima-Santos; Santos, 2022; ONU Mulheres, 2025).

A circulação dessas ideias merece especial atenção, sobretudo porque, em determinados espaços da "machosfera", a defesa do desenvolvimento pessoal masculino e a discussão sobre relacionamentos são utilizadas como vias de aproximação de públicos mais jovens, enquanto conteúdos que desqualificam, objetificam ou defendem o controle sobre as mulheres são incorporados às mensagens difundidas. Assim, a misoginia nem sempre se manifesta de maneira explícita: pode aparecer revestida de aconselhamentos sobre comportamento, aparência, sucesso financeiro, relacionamentos e desempenho masculino. Essa combinação contribui para conferir aparência de legitimidade a concepções que naturalizam a desigualdade entre os gêneros e reforçam a ideia de que as mulheres devem ocupar posições de submissão diante dos homens.

Para além das formulações teóricas que permitem compreender a constituição da machosfera e suas bases ideológicas, torna-se necessário observar como esses discursos se materializam nas práticas comunicacionais cotidianas, especialmente nas declarações de

ISSN: 2358-8829

influenciadores que alcançam milhares ou milhões de usuários nas redes sociais. A análise de algumas dessas manifestações permite identificar que a misoginia não se apresenta exclusivamente por meio de ataques explícitos às mulheres, mas também se manifesta em discursos que defendem sua submissão, estabelecem critérios morais para avaliar seus comportamentos, desqualificam sua autonomia e naturalizam relações hierárquicas entre os gêneros. Trata-se, portanto, de observar como determinadas concepções sobre a posição social das mulheres são produzidas e disseminadas sob a aparência de aconselhamentos, reflexões sobre relacionamentos e orientações para o desenvolvimento pessoal masculino.

Embora o fenômeno não esteja restrito ao contexto brasileiro, a trajetória do influenciador britânico-americano Andrew Tate evidencia a dimensão transnacional alcançada por esse tipo de conteúdo. Reconhecido internacionalmente por suas declarações misóginas e por sua atuação nas redes sociais, Tate afirmou, em diferentes vídeos, que "as mulheres pertencem ao lar" (*women belong in the home*), que "não podem dirigir" (*can't drive*) e que são "propriedade de um homem" (*a man's property*). Em outra declaração, ao comentar situações de violência sexual, afirmou que as mulheres que se colocassem em determinadas circunstâncias deveriam assumir parte da responsabilidade pelo estupro. As declarações foram documentadas em investigação publicada pelo jornal britânico *The Guardian*, em agosto de 2022, que também identificou a ampla circulação de seus conteúdos no TikTok.

Naquele período, os vídeos associados ao influenciador já haviam ultrapassado 11,6 bilhões de visualizações na plataforma. A investigação identificou, ainda, mais de cem contas que frequentemente reproduziam seus conteúdos, reunindo, conjuntamente, 250 milhões de visualizações e 5,7 milhões de seguidores. Esses números demonstram que a circulação de discursos misóginos não se limita a comunidades restritas, alcançando uma escala capaz de atravessar fronteiras nacionais e integrar o cotidiano de usuários de diferentes faixas etárias (DAS, 2022; THE GUARDIAN, 2022).

No Brasil, manifestações semelhantes podem ser identificadas em diferentes perfis associados à machosfera e à disseminação da ideologia Red Pill. Entre os nomes que ganharam visibilidade nesse contexto está Thiago Schutz, responsável pelo perfil *Manual Red Pill Brasil*. Em publicações e entrevistas, o influenciador defendeu que "o propósito de um homem num relacionamento tem que estar sempre acima do propósito da mulher" e que "a sua mulher custa mais caro que uma garota de programa". Em outra ocasião, ao comentar a postura feminina nos relacionamentos, afirmou que a mulher possui uma tendência a tentar "moldar o cara" e colocá-lo "debaixo dela". Além disso, em uma publicação direcionada às mulheres, sustentou que uma mulher considerada de valor deveria adaptar-se ao estilo de vida e aos objetivos do homem, e

ISSN: 2358-8829

não o contrário. Tais declarações evidenciam uma concepção assimétrica das relações afetivas, na qual a autonomia feminina é apresentada como ameaça à autoridade masculina e a submissão é revestida de atributo desejável para as mulheres. As falas foram documentadas pela BBC News Brasil (SUZUKI, 2023) e pela CNN Brasil (2023).

Outro exemplo é o de Breno Faria, responsável pelo perfil *Café com Teu Pai*, que ganhou expressiva visibilidade nas plataformas digitais a partir de conteúdos sobre relacionamentos e comportamento feminino. Em uma de suas publicações, afirmou que "se uma mulher tem 30 anos ou mais, é bonita, tem a vida profissional resolvida e está solteira, é muito provável que ela seja problemática". Em outro vídeo, estabeleceu uma distinção moral entre a sexualidade masculina e a feminina, afirmando que uma mulher que mantém relações sexuais com diferentes parceiros seria uma "*vagabunda*", enquanto um homem que adota o mesmo comportamento seria um "*fodão*". A repercussão desse conteúdo é particularmente significativa: segundo levantamento publicado pelo Núcleo, em parceria com o NetLab/UFRJ, o vídeo ultrapassou 11 milhões de visualizações no TikTok. A mesma publicação informou que Faria já reunia mais de dois milhões de seguidores somando suas redes sociais, evidenciando o alcance de discursos que reproduzem padrões distintos de julgamento moral para homens e mulheres (NÚCLEO, 2026).

Também merece atenção a atuação de Rafael Aires, influenciador que publica conteúdos sobre relacionamentos e comportamento feminino. Em uma de suas manifestações, ao comentar o Carnaval, afirmou que os homens teriam desistido de sair para encontrar mulheres "em troca de carne barata". A expressão, ao reduzir mulheres à condição de mercadoria ou objeto de consumo, explicita uma perspectiva de objetificação feminina que se articula a outras narrativas recorrentes na machosfera. De acordo com reportagem publicada pela revista *Veja*, o influenciador acumulava mais de dois milhões de seguidores em suas redes sociais (MOURA, 2026).

Na mesma reportagem, Raiam Santos é apresentado como outro nome de destaque nesse universo. Em publicação realizada em 2024, o influenciador associou mulheres jovens com tatuagens à prostituição e à ausência de uma figura paterna, reproduzindo estereótipos que vinculam a aparência feminina à moralidade e à conduta sexual. Já Gabriel Breier, cuja audiência também alcança o público adolescente, aparece associado à defesa de que a mulher deve servir ao marido, concepção que reafirma a subordinação feminina como princípio das relações conjugais. A reportagem informa que Breier reunia mais de 1,5 milhão de seguidores nas redes sociais (MOURA, 2026).

ISSN: 2358-8829

Embora apresentem particularidades em suas formas de comunicação, esses exemplos revelam a recorrência de determinados elementos discursivos: a desqualificação da autonomia feminina, a objetificação dos corpos das mulheres, a imposição de padrões de comportamento sexual distintos para homens e mulheres e a defesa de relações afetivas organizadas a partir da autoridade masculina. É importante observar que tais manifestações não constituem necessariamente discursos idênticos, tampouco permitem afirmar que todos os seus consumidores reproduzam ou pratiquem comportamentos violentos. Entretanto, sua circulação reiterada contribui para colocar em evidência narrativas que naturalizam a desigualdade de gênero e apresentam a dominação masculina como uma característica legítima das relações sociais.

A dimensão desse fenômeno também pode ser observada em dados mais abrangentes. Pesquisa realizada pelo Laboratório de Estudos de Internet e Redes Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (NetLab/UFRJ), em parceria com o Ministério das Mulheres, identificou 137 canais brasileiros no YouTube com conteúdos explicitamente misóginos. Em conjunto, esses canais haviam publicado mais de 105 mil vídeos ao longo de seis anos, acumulando aproximadamente 3,9 bilhões de visualizações. O levantamento também identificou que 80% dos canais analisados utilizavam estratégias de monetização, como anúncios, doações, Super Chat e comercialização de produtos.

Em atualização divulgada em março de 2026, o NetLab/UFRJ informou que 123 dos 137 canais inicialmente identificados permaneciam disponíveis na plataforma e que o número de inscritos desse conjunto havia aumentado de aproximadamente 19,5 milhões, em 2024, para mais de 23 milhões, representando um crescimento de cerca de 18,5% (NETLAB/UFRJ, 2024; NETLAB/UFRJ, 2026). Esses dados permitem compreender que a machosfera não se restringe à manifestação isolada de opiniões individuais, mas integra um ecossistema digital no qual discursos misóginos são continuamente produzidos, compartilhados, monetizados e amplificados.

Nesse sentido, a análise dessas manifestações torna-se especialmente relevante quando articulada à compreensão das tecnologias como espaços de produção e reprodução de gênero. Afinal, se as plataformas digitais participam da construção de subjetividades, da circulação de valores e da organização das relações sociais, também se tornam espaços nos quais hierarquias de gênero podem ser reafirmadas e atualizadas. É justamente nessa articulação entre discurso, tecnologia e realidade material que se coloca a necessidade de investigar as implicações sociais da disseminação da misoginia nas redes.

ISSN: 2358-8829

Diante desse cenário, torna-se indispensável compreender de que maneira a articulação entre a ideologia *Red Pill* e os diferentes segmentos da machosfera contribui para a produção, a circulação e a normalização de discursos misóginos, bem como investigar suas possíveis repercussões nas relações sociais. Embora não seja adequado estabelecer uma relação causal direta e automática entre o consumo desses conteúdos e a prática de violência contra as mulheres, é fundamental problematizar como a desumanização feminina, a naturalização da dominação masculina e a legitimação de comportamentos de controle e coerção podem integrar um contexto cultural que favorece a reprodução de desigualdades e influenciam, diretamente, no aumento formas das violências de gênero.

Tais problemáticas atingem uma dimensão ainda maior quando interferem no processo de constituição das percepções de meninos e jovens brasileiros. O experimento de AzMina/Núcleo mostrou que adolescentes de 14–15 anos podem chegar a conteúdos misóginos através de recomendações algorítmicas, sem necessariamente procurá-los diretamente. Eis aqui uma embaraçosa questão: os dados anteriormente mencionados comprovam que um adolescente não necessariamente precisa procurar por publicações de caráter misógino para começar a receber os respectivos conteúdos. O caminho pode ser: *vida fitness* → *motivação* → *desenvolvimento pessoal* → *masculinidade* → *"homem de valor"* → *conteúdos antifeministas/misóginos*.

A machosfera, mais do que construir, compilar e disseminar o ódio contra as mulheres, constitui-se como um instrumento de poder capaz de criar efeitos de verdade e implicações na própria realidade material: aumento nas taxas de feminicídio, fortalecimento da cultura do estupro e a normalização das violências de gênero, sejam estas físicas, sexuais, discursivas ou simbólicas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para finalizar – mas sem concluir, dada a infinitude de problemáticas que seguem aguardando futuras análises –, proponho que nós, atores inseridos nesta múltipla e complexa teia de relações sociais, sejamos capazes de nos distanciar das normativas preestabelecidas pela hierárquica e patriarcal estrutura de gênero.

Se a dimensão virtual pode ser visualizada como uma extensão da sociedade e esta é, por sua vez, identitariamente diversa, tal qual o corpo social no qual estamos inseridos, então que busquemos mecanismos para fazer deste espaço um *locus* primordialmente democrático, capaz de acompanhar a heterogeneidade e as inúmeras conquistas das lutas feministas. A

ISSN: 2358-8829

promoção do conhecimento, a problematização da *machosfera* e a criminalização dos discursos de ódio passam a ser revolucionárias na medida em que um sujeito que não se percebe em uma relação de violência é incapaz de criar dispositivos para subvertê-la.

Nesse sentido, promover debates acerca dos estudos de gênero e investigar as repercussões concretas do chamado "ecossistema masculinista" constituem caminhos fundamentais para fomentar a reflexão crítica sobre os papéis de gênero socialmente estabelecidos e as múltiplas formas de opressão que atravessam a experiência das mulheres. Trata-se, sobretudo, de proporcionar instrumentos para que elas possam reconhecer, questionar e identificar os discursos de ódio que permeiam as relações sociais, desenvolvendo possibilidades de enfrentamento às violências que deles decorrem.

Tal movimento exige, portanto, que as discussões ultrapassem os limites do ambiente acadêmico e alcancem os espaços de socialização e formação dos sujeitos, de modo que as estratégias de resistência e transformação sejam construídas tanto na dimensão virtual quanto na realidade material. Afinal, combater as desigualdades de gênero pressupõe não apenas reconhecer suas manifestações, mas questionar as estruturas que as sustentam e atuar sobre a partir delas.

Palavras-chave: Tecnologias de Gênero; Redes Sociais; Discursos de ódio, Violência contra a mulher.

AGRADECIMENTOS

Este artigo é fruto de uma trajetória iniciada há seis anos, num momento de inflexão de minha jornada acadêmica. Ainda que pesquisar gênero implique lidar com questões complexas e, por vezes, controversas, trata-se de um campo cuja potência se amplia quando construído coletivamente, a partir do encontro e da vivência de diferentes experiências e perspectivas.

Em primeira instância, dedico meus agradecimentos a José Romélio Rodrigues dos Santos Júnior, professor, amigo e pesquisador com quem compartilhei — e continuo compartilhando — palcos, artigos, apresentações e inúmeras experiências no universo acadêmico. A convivência, a parceria e a cumplicidade construídas ao longo dessa trajetória foram fundamentais para o cultivo do interesse pelas pesquisas e discussões acerca das relações de gênero.

Por fim, direciono meus mais sinceros agradecimentos à minha família, alicerce de toda a minha jornada e presença fundamental em cada etapa deste percurso. Foram vocês que, desde o início, acreditaram na educação como caminho e investiram, de diferentes maneiras, na minha

ISSN: 2358-8829

formação acadêmica, mesmo quando os resultados ainda pareciam distantes. Se hoje tenho a possibilidade de desenvolver minhas pesquisas, dar continuidade à minha formação e elaborar este trabalho, é porque, muito antes de sua concretização, vocês apostaram no meu potencial e me proporcionaram as devidas condições para trazê-lo à tona. Assim, este artigo também lhes pertence, pois há muito de cada um de vocês nas páginas que hoje sou capaz de escrever.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério das Mulheres. **Pesquisa inédita mostra como influenciadores lucram com conteúdos misóginos no YouTube**. Brasília, DF: Ministério das Mulheres, 13 dez. 2024. Disponível em: https://www.gov.br/mulheres/pt-br/central-de-conteudos/noticias/2024/dezembro/pesquisa-inedita-mostra-como-influenciadores-lucram-com-conteudos-misoginos-no-youtube. Acesso em: 9 nov. 2026.

DAS, Shanti. **TikTok 'still hosting toxic posts' of banned influencer Andrew Tate**. The Guardian, Londres, 6 nov. 2022. Disponível em: https://www.theguardian.com/technology/2022/nov/06/tiktok-still-hosting-toxic-posts-of-banned-influencer-andrew-tate. Acesso em: 9 nov. 2026.

DAS, Shanti. **Inside the violent, misogynistic world of TikTok's new star, Andrew Tate**. The Guardian, Londres, 6 ago. 2022. Disponível em: https://www.theguardian.com/technology/2022/aug/06/andrew-tate-violent-misogynistic-world-of-tiktok-new-star. Acesso em: 9 nov. 2026.

DE LAURETIS, Teresa. Technologies of gender: essays on theory, film, and fiction. Bloomington: Indiana University Press, 1987.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1**: a vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

HAN, Byung-Chul. **Infocracia: digitalização e a crise da democracia**. Tradução de Gabriel Salvi Philipson. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022.

ISSN: 2358-8829

LIMA-SANTOS, André Villela de Souza; SANTOS, Manoel Antônio dos. Incels e misoginia on-line em tempos de cultura digital. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 3, p. 1081–1102, 2022. DOI: **https://doi.org/10.12957/epp.2022.69802.** Disponível em: **https://www.e-publicacoes.uerj.br/revispsi/article/view/69802.** Acesso em: 29 out. 2026.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 16ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

MENDONÇA, Jeniffer. **'Café com teu pai': influencer da machosfera é policial e viola regras da PRF nas redes.** Núcleo, 7 abr. 2026. Disponível em: https://nucleo.jor.br/reportagem/2026/04/07/cafe-com-teu-pai-influenciador-da-machosfera-e-policial-e-viola-regras-da-prf-nas-redes/. Acesso em: 9 nov. 2026.

NETLAB/UFRJ. **Aprenda a evitar 'esse tipo' de mulher": estratégias discursivas e monetização da misoginia no YouTube**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2024. Disponível em: https://netlab.eco.ufrj.br/post/aprenda-a-evitar-esse-tipo-de-mulher-estrategias-discursivas-e-monetizacao-da-misoginia-no-youtube. Acesso em: 29 out. 2026.

MOURA, Tatiana. **O que pregam influenciadores ligados ao 'Red Pill' nas redes sociais**. Veja, 4 abr. 2026. Disponível em: https://veja.abril.com.br/coluna/veja-gente/o-que-pregam-influenciadores-ligados-ao-red-pill-nas-redes-sociais/. Acesso em: 9 nov. 2026.

ONU MULHERES. **O que é a "machosfera" e por que devemos nos preocupar?** 16 jun. 2025. Disponível em: https://brasil.unwomen.org/pt-br/stories/noticia/2025/06/o-que-e-a-machosfera-e-por-que-devemos-nos-preocupar. Acesso em: 29 out. 2026.

VILAÇA, Gracila; D'ANDRÉA, Carlos. Da manosphere à machosfera: práticas (sub)culturais masculinistas em plataformas anonimizadas. **Revista Eco-Pós**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, p. 410–440, 2021. DOI: https://doi.org/10.29146/ecopos.v24i2.27703. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/27703. Acesso em: 29 out. 2026.